

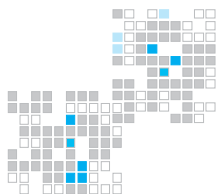
A COMUNICAÇÃO ENQUANTO DIÁLOGO EM PAULO FREIRE E LUIZ BELTRÃO

COMMUNICATION AS A DIALOGUE BETWEEN PAULO FREIRE AND LUIZ BELTRÃO
LA COMUNICACIÓN COMO DIÁLOGO EN PAULO FREIRE Y LUIZ BELTRÃO



Antonio Hohlfeldt

- Professor do PPGCom da FAMECOS/PUCRS, Pós-Doutorado em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa, Portugal. Presidente da INTERCOM. Pesquisador em produtividade do CNPq; membro do Conselho Consultivo da SBPJor e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Autor de Teorias da Comunicação (Vozes, 2009; 9ª edição) e Última Hora: nacionalismo sensacionalista num jornal populista (Sulina, 2003).
- E-mail: hohlfeldt@pucrs.br



RESUMO

Propõe-se uma aproximação entre Luiz Beltrão e Paulo Freire, ante a contemporaneidade e a complementaridade de suas obras. Da institucionalização da folkcomunicação, idealizada por Luiz Beltrão, à dialogia defendida por Paulo Freire, ressalta-se a preocupação em valorizar a comunicação de e entre segmentos populares da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: FOLKCOMUNICAÇÃO; LUIZ BELTRÃO; PAULO FREIRE; DIALOGISMO.

ABSTRACT

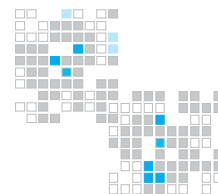
We propose a closer relation between Luiz Beltrão and Paulo Freire, whose works are contemporary and have some complementing aspects. From Luiz Beltrão's folkcommunication to Paulo Freire's dialogism, we can observe the appreciation of popular communication in the Brazilian society.

KEYWORDS: FOLKCOMMUNICATION THEORY; LUIZ BELTRÃO; PAULO FREIRE; DIALOGISM.

RESUMEN

Se propone una aproximación entre Luiz Beltrão y Paulo Freire, delante de la contemporaneidad y la complementariedad de sus obras. Desde la institucionalización de la folkcomunicación, idealizada por Luiz Beltrão, hasta la dialogia de Paulo Freire, destaca la preocupación en valorizar la comunicación de y entre los segmentos populares de la sociedad brasileña.

PALABRAS CLAVE: FOLKCOMUNICACIÓN; LUIZ BELTRÃO; PAULO FREIRE; DIALOGISMO.



Não é gratuita uma reflexão a respeito das aproximações possíveis entre Paulo Freire e Luiz Beltrão. Eles pertencem exatamente à mesma geração, e nasceram exatamente na mesma região: Luiz Beltrão é natural de Olinda, onde nasceu a 8 de agosto de 1918, vindo a falecer em 1986. Paulo Freire é natural do Recife, nascido a 19 de setembro de 1921, vindo a falecer em 2 de maio de 1997. Como se vê, ambos foram relativamente longevos, levando-se em conta especialmente a região de onde são naturais: Luiz Beltrão viveu 68 anos de idade e Paulo Freire alcançou os 76 anos.

1. Aproximações de uma geração

Mas há aproximações maiores entre eles. Ambos descendem de famílias profundamente católicas, o que vai influir decididamente em suas formações. Luiz Beltrão chega a estudar em seminário católico: queria ser sacerdote. Paulo Freire absorverá, dos ensinamentos religiosos, uma base filosófica, marcada pelo humanismo, que resultará em sua forte militância junto aos nascentes grupos organizados da igreja católica, através da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC), que desembocará depois na organização da Ação Católica (AC), base das futuras comunidades eclesiais de base, caracterizadas pela polêmica Teologia da Libertação. Pode-se dizer, assim, que Paulo Freire integrar-se-á a um catolicismo radical, no sentido estrito e histórico do termo, o que o levará, mais adiante, até os Movimentos de Cultura Popular, de que o Movimento de Educação de Base (MEB), será um dos aspectos. Ligando-se ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ao tempo de Juscelino Kubitschek, organizará os primeiros cursos de alfabetização de adultos, incluindo seus manuais, processo que será interrompido quando do golpe de 1964.

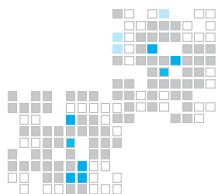
Aliás, a ditadura implantada a partir de 1964 tem profundos reflexos sobre a vida e a profissão de ambos os intelectuais. Luiz Beltrão participara da fun-

ção, em 1961, do primeiro curso de Jornalismo do país, na Universidade Católica de Pernambuco onde, em 1963, constitui a primeira instituição de pesquisa universitária no campo da comunicação social, o Instituto das Ciências da Informação (ICINFORM), de que se afasta, em 1965, para reorganizar o curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, devastado pela demissão de dezenas de professores, após o golpe de 1964. Ali, fará questão de passar por banca internacional de qualificação, tornando-se o primeiro Doutor em Comunicação, no Brasil, com uma tese que lançava as bases teóricas de um novo campo de estudos comunicacionais, a Folkcomunicação, através de texto que, infelizmente, por aqueles mesmos motivos político-ideológico-policiais, permaneceria inédito até 2001, quando tive a oportunidade de, graças ao Prof. Dr. José Marques de Melo, que guardava seus originais, editá-lo, através do PPGCOM da FAMECOS/PUCRS.

Com a chegada da ditadura, Paulo Freire e Luiz Beltrão experimentaram a perseguição, a demissão e a prisão: Paulo Freire terminou seguindo para o exílio. Primeiro para a Bolívia; logo depois Chile; enfim, Estados Unidos, Suíça e depois o mundo, consagrando-se a partir de então, graças às ações pedagógicas que passou a desenvolver internacionalmente, sob o patrocínio da UNESCO.

Luiz Beltrão, por seu lado, permaneceu no Brasil. Dedicou-se ao jornalismo e, quando pôde, à cátedra. Continuou estudando e escrevendo, aprofundando os princípios teóricos da folkcomunicação, perspectiva de abordagem comunicacional que traduzia, do mesmo modo que Paulo Freire, sua profunda preocupação pela sorte dos desvalidos e dos que ele chamou de marginalizados.

Mostra Venício Artur de Lima (1981), em revelador livro a respeito de Paulo Freire, que a época pode ser caracterizada por alguns acontecimentos que vão se refletir profundamente na obra do pensador. Na verdade, o que Lima (1981) afirma a res-



peito de Freire pode-se também aplicar a respeito de toda uma geração e, muito especialmente, a Luiz Beltrão. Vejamos:

1) ocorre a emergência das classes populares, primeiro com o processo do populismo e, logo depois, como consequência e graças ao surgimento de consciências mais responsáveis, com a formação de lideranças populares emergentes;

2) desenvolve-se um sentimento nacionalista, a partir de experiências posteriores à II Grande Guerra, trabalhadas primeiramente no CIESPAL e, no país, através do ISEB. Como consequência, surgem teorias específicas nos campos da educação e da comunicação, de que justamente Paulo Freire e Luiz Beltrão serão referências;

3) emerge o catolicismo radical, que se aproxima de correntes políticas leigas de matriz marxista, graças ao desenvolvimento de Teologia da Libertação; mesmo após o golpe de 1964, tais influências manter-se-ão, gerando um sem-número de processos culturais;

4) organizam-se os Movimentos de Cultura Popular, de modo que a cultura popular ou das chamadas classes subalternas ou marginalizadas passa a ser examinada e estudada em suas especificidades, desde os estudos de folclore de Edison Carneiro, o que valerá, inclusive, para este pesquisador, também a perseguição e a marginalização, após o golpe militar de 1964.

Verifica-se, deste modo, que as matrizes existenciais, filosóficas, políticas e culturais de ambos os autores são exatamente as mesmas, de onde não nos deve surpreender que tenham ambos terminado por, cada um a sua maneira, trilhado caminhos muito semelhantes. Eu diria mesmo que, onde um parou, o outro continuou, e é isso que pretendo aqui demonstrar, ainda que rapidamente.

2. Algumas perspectivas de Paulo Freire

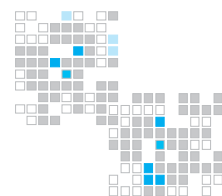
Paulo Freire foi fundamentalmente um educador. E seu projeto educacional dirigiu-se diretamente para a educação das grandes massas po-

pulares analfabetas. Foi a partir de uma preocupação pedagógica que Paulo Freire aproximou-se da teorização em torno da comunicação. Para ele, e isso fica muito claro em seu texto “Extensão ou comunicação?” (1980) que escreveu a partir da experiência de trabalho com *extensionistas* rurais chilenos, é impossível ensinar-se a alguém. O processo pedagógico precisa ser desenvolvido entre iguais. O aprendizado – e não o ensino – só é possível a partir do diálogo.

Não é gratuita uma reflexão a respeito das aproximações possíveis entre Paulo Freire e Luiz Beltrão.

Paulo Freire (1980) se dá conta de que o sentido das palavras é contextual. Por isso, ao dirigir-se aos *extensionistas* rurais chilenos, ele evidencia os vários sentidos que a palavra *extensão* poderia ter, e mostra o quão equivocada era a utilização deste vocábulo para designar a tarefa que aqueles profissionais pretendiam desenvolver junto aos camponeses do país (equivoco que, aliás, permanece ainda hoje, inclusive no Brasil). Mais que isso, evidencia que, se os *extensionistas* não se dessem conta do verdadeiro objetivo e, por consequência, do modo necessário pelo qual deveriam relacionar-se com aqueles camponeses, jamais seus objetivos seriam verdadeiramente atingidos.

Para Paulo Freire (1980), nem a persuasão nem a propaganda conseguem transmitir verdadeiramente quaisquer valores ou princípios. O ser humano precisa aderir a uma idéia, e para isso, deve se encontrar em absoluta liberdade. A ação técnica, se não for assimilada verdadeiramente pelo camponês, será mais uma ação mágica, como quaisquer outras praticadas por feiticeiros, e não por cientistas. O homem, por definição, é um ser de relações, e através delas transforma a natureza, graças a seu trabalho. Mas para que atinja o conhecimento, é fundamental que desenvolva uma relação dialógica com seu próximo. Num processo de aprendizagem,



Paulo Freire reconhece a necessidade de vencer o que denomina de cultura do silêncio, constituída historicamente, através do processo colonizador.

segundo Paulo Freire (1980), não há um sujeito que ensina e um receptor que aprende a respeito de um objeto. Há dois sujeitos que pensam em conjunto, que aprendem um com o outro, constituindo um verdadeiro processo comunicacional, no qual nenhum deles ensina ao outro, mas ambos aprendem em conjunto a respeito daquele objeto.

O aprendizado não admite seres passivos. A comunicação, sendo um processo ativo, permite o diálogo, através de signos, que constituem um conjunto de significados. Neste sentido, o aprendizado, enquanto processo comunicacional, exige a admiração pelo objeto (um olhar em direção a); constitui convicções porque nasce de uma adesão; estabelece uma relação contextual e realiza-se enquanto uma perspectiva eminentemente humanista (Freire, 1980, p. 70-73).

Todos os textos escritos por Paulo Freire decorreram, primeiramente, de suas próprias práticas, motivo pelo qual ele sempre os qualificou como relatórios de experiências. Neste sentido, sua perspectiva é sempre dialética, porque se imbrica numa relação intrínseca entre pensamento e ação.

Venício Artur de Lima (1981), na obra já citada, mostra que, para Paulo Freire, a perspectiva pedagógica exige uma ótica comunicacional, porque Paulo Freire parte de alguns paradoxos que necessita resolver:

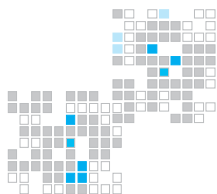
- 1) impossibilidade de diálogo entre antagonistas; daí que o oprimido ajuda a libertar o opressor;
- 2) desconfiança sobre a ambigüidade do diálogo que se mantenha com os oprimidos; de onde é necessário ter-se sempre em mente que, por não confiar no opressor, o oprimido tende igualmente a manter-se distante do mesmo: o grande desafio, portanto, é alcançar a sua confiança;
- 3) o caráter misterioso do diálogo: para além de

uma relação face a face, como aquela definida pelas teorias norte-americanas de comunicação, o diálogo, em Paulo Freire, é sempre um processo antropológico, epistemológico e político, ou seja, eminentemente social, porque coletivo e coletivizador.

Paulo Freire reconhece a necessidade de vencer o que denomina de *cultura do silêncio*, constituída historicamente, através do processo colonizador. É evidente que, à perspectiva existencialista inicial de seu trabalho, ele incorpora alguns conceitos da filosofia marxista, mas mantém-se fiel a uma perspectiva religiosa humanista, o que lhe permite ultrapassar o marxismo, em busca da chamada *libertação*.

Em outro texto, Venício Artur de Lima (1996, p. 621), sintetiza a perspectiva comunicacional de Paulo Freire, mostrando que a comunicação, para o pesquisador, admite essas três diferentes perspectivas antes mencionadas: a antropológica, porque a comunicação é constituinte natural do ser humano; a epistemológica, porque o conhecimento nasce do diálogo, relação entre dois sujeitos mediatizados por um objeto que querem conhecer; e a política, porque exige uma relação igualitária de poder. É graças a tal condição que a educação é uma política social libertadora e transformadora. Diz Paulo Freire:

Comunicação [é] a co-participação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire, 1980, p. 66).



Na conclusão de seu estudo, Venício Artur de Lima (1996) admite que duas questões teriam ficado sem resposta nos estudos de Paulo Freire: a) a problemática da comunicação de massas e sua adequação à teorização freireana; e b) a possibilidade da comunicação não-humana.

Confesso que a segunda questão me surpreende, advindo de um pesquisador como Venício Artur de Lima, porque, em meu entendimento, todos nós nos preocupamos com a comunicação social, e esta é, evidentemente, um fenômeno exclusivamente humano. Portanto, a possibilidade de haver ou não comunicação entre outros seres vivos, animais ou vegetais, é um problema para outros campos de conhecimento.

Quanto à primeira questão, arriscar-me-ei a dizer que a resposta terminou por ser dada por Luiz Beltrão, e é dele que, a partir de agora, quero me ocupar.

3. A comunicação dos marginalizados

Desde logo, quero destacar este vocábulo que é, ao mesmo tempo, adjetivo e substantivo. *Marginalizado* implica reconhecer que tal condição não foi escolhida por quem a carrega, mas, sim, foi-lhe imputada por alguém. Este é o ponto de partida de toda a teoria folkcomunicação desenvolvida por Luiz Beltrão, e por isso ela é importante.

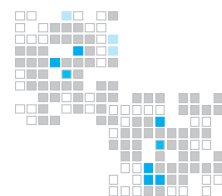
Sua perspectiva é tanto cultural quanto social e histórica. Ele não se limita a constatar uma situação presente, que identifica, descreve e estuda pormenorizadamente, mas busca suas origens e seus fundamentos. E tal como Paulo Freire, vai encontrá-los no projeto de colonização do país. Tanto em “Folkcomunicação : um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias” (Beltrão, 2001), quanto em “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (Beltrão, 1980), Luiz Beltrão evidencia que houve uma ruptura entre os diferentes segmentos da população brasileira, em determinado momento de sua história. Essa ruptu-

ra se dá já a partir da nascente colonização, com a introdução da escravidão. Aprofunda-se com o sistema de capitanias, que permite a propriedade de largas dimensões. E se institucionaliza, definitivamente, com o nascimento da imprensa, a partir da chegada da Família Real portuguesa e, posteriormente, a independência. É isso que vemos, tanto na passagem exemplar de “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias” quanto num outro texto encontrável em “Mídia e folclore”. Vejamos as duas passagens:

Paradoxalmente, o surgimento da imprensa, cuja posse fica com as elites intelectuais e os dirigentes, não contribui para a manutenção e o fortalecimento da unidade brasileira, cindindo-se a Nação no período regencial e desenvolvendo-se entre as populações rurais e proletárias urbanas uma linguagem específica, que recolhe informações e se expressa somente através de agentes e meios de natureza e forma folclórica (Beltrão, 1980, p. 123).

Eis a outra passagem:

Uma característica predominante surgia nos agentes-comunicadores selecionados e nas modalidades que adotavam para a transmissão das suas mensagens – a característica folclórica. Com muita precisão PEDRO CALMON havia apontado, na fase agitada da Regência, o início do divórcio entre as classes sociais da pátria nascente: “fragmentava-se a Nação”. E fragmentava-se exatamente quando entravam na liça os primeiros periódicos, tornando-se, desde logo, porta-vozes das elites dirigentes e cultas. Essa fragmentação prosseguiria por todo o IV século e teria seu ciclo completado com a abolição da escravatura, que retiraria à influência da casa-grande significativa população da senzala. Os negros forros iriam engrossar a camada social dos alienados do pen-



samento e da cultura da elite. E incorporariam vigorosamente ao patrimônio sócio-cultural da favela, do mocambo e da tapera as suas tradicionais formas de expressão. Que o sobrado, o palacete e a casa-de-fazenda não compreenderiam, agravando-se a cada passo o abismo hoje constatado (Beltrão, 1980, p. 143).

Revisemos o conceito de comunicação, tal como o expressa Paulo Freire: “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação” (Freire, 1980, p. 66).

Leiamos o que escreve Luiz Beltrão a respeito da comunicação:

Por si só, a parcela marginalizada da população brasileira não tem condições de emergir do submundo em que vegeta. As elites dirigentes em todas as áreas podem arquitetar os melhores planos, alimentar os mais puros propósitos, mas sem a participação da maioria silenciosa, esses planos e propósitos não produzem efeitos positivos (Beltrão in Melo, 2001, p. 157).

Para Beltrão, pois, é necessária a participação daquela população marginalizada para que o processo comunicacional se realize. Por isso, o cuidado com ele denominou sua tese de “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”. Quero destacar esses *meios populares de informação de fatos e de expressão de idéias*. É nesta designação que se encontra todo o programa e todo o ideal de Luiz Beltrão: as populações marginalizadas – que não se marginalizaram elas mesmas, mas foram marginalizadas pelas elites, relembremos – valem-se de meios populares – ou seja, meios que elas mesmas idealizaram e concretizaram – para buscarem a informação de fa-

tos e realizarem a expressão de suas idéias.

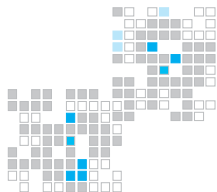
Ora, se lermos com atenção esta dupla atividade, encontraremos aqui o mesmo princípio dialógico defendido por Paulo Freire, ou seja: as massas populares não apenas *recebem informações* - informação de fatos – quanto *expressam suas idéias*. A comunicação se realiza, pois, plenamente, porque é de dupla mão, é dialógica. Daí o conceito de folkcomunicação que Beltrão desenvolve:

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (Beltrão, 2001, p. 168).

Observe-se a perspectiva horizontal adotada por Luiz Beltrão, que corresponde à mesma perspectiva de posicionamento semelhante entre aprendiz e mestre, defendida por Paulo Freire. Na passagem clássica de sua tese, ele especifica todo o complexo processo que decidiu estudar, num enfoque pioneiro que viria a constituir o campo da folkcomunicação: “Folkcomunicação é assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (Beltrão, 2001, p. 79).

Para Luiz Beltrão, portanto, impossibilitado de fugir ao entorno, isto é, à realidade da comunicação de massa industrializada, as massas populares procuram apropriar-se e adaptar aqueles meios e aquelas mensagens às suas próprias tecnologias e compreensões, utilizando canais específicos e diferenciados, através de alguns de seus membros, que convivem duplamente com ambas as sociedades, aquela das elites e a outra, a marginalizada.

Longe de imaginar que tal marginalização es-



Ao acreditar que é possível, e ao defender que é necessária a participação e a integração dessas populações ao conjunto da nacionalidade, Luiz Beltrão idealiza a teoria folkcomunicação [...]

teja exclusivamente localizada apenas no meio rural, Luiz Beltrão (1980) é incisivo, em “Folkcomunicação: comunicação dos marginalizados”, ao identificar ao menos três grandes grupos de marginalização: os rurais, os urbanos e os culturalmente marginalizados. Nos primeiros, encontram-se, evidentemente, desde índios e negros, até comunidades rurais variadas; no segundo grupo, temos aqueles conjuntos de baixa renda, quase sempre oriundos da área rural e que se encontram marginalizados, tanto física quanto social e culturalmente, concentrados em geral em favelas. Os terceiros são aqueles que, por contestação ou por exclusão, acham-se à margem, como *hippies*, grupos messiânicos, grupos ativistas-políticos ou grupos sexualmente segregados, como travestis e outros.

Pode-se dizer que, com esta perspectiva, Luiz Beltrão, de certo modo, responde à indagação de Venício Artur de Lima a respeito de como o conceito de comunicação (enquanto dialogia) de Paulo Freire poderia ser aplicado no processo de comunicação massivo. Luiz Beltrão mostra que isso é possível, sim, mediante uma mediação que se dá entre iguais, através do que ele denomina de líderes de opinião – conceito que busca na teoria funcionalista de Paul Lazarsfeld, Robert Merton e Elihu Katz, adaptando-a à realidade de sociedades cujas diferenças são tão contundentes quanto a brasileira. Ele assim justifica sua perspectiva:

A comunicação coletiva não se faz entre um indivíduo e outro como tal, mas em forma coletiva: o comunicador é uma instituição ou uma pessoa institucionalizada, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhe desejam prestar

atenção (Beltrão in Melo, 2001, p. 128).

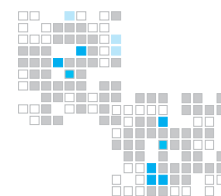
Essa função é desenvolvida pelo líder de opinião, assim identificado por ele, citando Levy Bruhl:

O líder de opinião tem essa capacidade: é um tradutor, que não somente sabe encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, segundo Levy Bruhl, Bastide, Malinowsky e outros sociólogos, antropólogos e psicólogos, caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos sociais (Beltrão in Melo, 2001, p. 138).

Luiz Beltrão, contudo, busca igualmente em Edison Carneiro a concretização de sua tese:

Achava-se de acordo com a tese de EDISON CARNEIRO, segundo a qual “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e re-adapta constantemente seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo”, fazendo-se através do folclore que é dinâmico, porque “não obstante partilhar, em boa percentagem, da tradição, e caracterizar-se pela resistência à moda (...) é sempre, ao mesmo tempo que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação (Beltrão apud Carneiro, 1965, p. 2).

Ao acreditar que é possível, e ao defender que é necessária a participação e a integração dessas populações ao conjunto da nacionalidade, Luiz Beltrão idealiza a teoria folkcomunicação, porque “a participação reclama comunicação: se não ponho em comum as ideias, sentimentos e informações de que disponho e não recebo de volta a reação do



outro, jamais estabelecerei um elo entre mim e minha audiência” (Beltrão *in* Melo, 2001, p. 157). É desta perspectiva que nasce a folkcomunicação, enquanto “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24).

O que se deve destacar e reconhecer, nessa formulação, é que, com ela, Luiz Beltrão alcança propiciar a esses marginalizados uma alternativa comunicacional real, porque desenvolvida entre iguais, de maneira horizontal, na medida em que o(s) líder(es) de opinião, ao conviver com dois universos distintos, propicia a aproximação de ambos, num agenciamento dinâmico que promove um duplo movimento de concessão de cada um dos lados em favor do outro.

É evidente que, com o correr dos anos, e principalmente depois da morte de Luiz Beltrão, o conceito de folkcomunicação expandiu-se, alargou-se e modificou-se. Hoje, ele não se circunscreve mais apenas ao folclore, mas à comunicação popular como um todo, abertura que, aliás, o próprio Beltrão propiciou, quando mencionou

os grupos urbanos e os culturalmente marginalizados. Com isso, dinamizou-se o conceito e sua teoria, com uma aplicabilidade muito maior, bastando mencionarem-se os diferentes estudos que já se têm divulgado, por exemplo, em torno das chamadas *lendas urbanas*, como aquelas histórias envolvendo roubo de órgãos do corpo humano ou a potencial existência de venenos em refrigerantes, inclusive através da internet.

4. Projetos e ações de integração

Destaque-se, de qualquer modo, que Luiz Beltrão e Paulo Freire, cada qual a seu modo, mas complementarmente, deram passos importantes no sentido da integração dessas populações marginalizadas, reconhecendo-lhes meios de autoafirmação, de diálogo e de reconhecimento junto aos segmentos de elite letrada, econômica e cultural. Por isso, é importante que lhes conheçamos as ações, as teorias e as potencialidades que seus estudos nos alcançam. Neles precisamos nos inspirar para buscar tudo o que seja possível fazer, para diminuir as distâncias que separam nossas populações, antes que as possibilidades reais dessas pontes sejam definitivamente cortadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação. A comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LIMA, Venício Artur de. *As idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, Venício Artur de. Conceito de comunicação em Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire. Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília: Cortez/Instituto Paulo Freire/UNESCO, 1996.

MELO, José Marques de (Org.). *Mídia e folclore. O estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão*. Maringá/São Paulo: Faculdades Maringá/Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2001.